



Aponte a câmera do celular para o QR Code e assista a uma compilação de vídeos da queda do avião na Filadélfia



Veja novo vídeo da colisão entre o helicóptero militar e o avião comercial em Washington

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172



ESTADOS UNIDOS

Nova tragédia aérea abala o país

Avião Learjet 55 cai na Filadélfia e atinge 12 carros. Autoridades citam ao menos seis mortos. Acidente ocorre 48 horas depois de colisão de aeronaves em Washington. Dados de voo mostram que helicóptero Black Hawk estava acima da altitude permitida

» RODRIGO CRAVEIRO

Menos de 48 horas depois da colisão no ar entre um helicóptero militar Black Hawk e um avião comercial operado pela American Airlines, próximo ao Aeroporto Nacional Ronald Reagan, em Washington, um novo acidente aéreo provocou mortes e pânico na região nordeste da Filadélfia (estado da Pensilvânia). Por volta das 18h10 de ontem (20h10 em Brasília), uma aeronave Learjet 55, com capacidade para 12 passageiros, caiu na Avenida Cottman, atingindo carros e casas. Pelo menos seis pessoas morreram: o avião-ambulância levava piloto, copiloto, dois médicos e uma criança, acompanhada de um familiar. O **Correio** entrevistou três brasileiros que moram na região e testemunharam o acidente. Natural de Belo Horizonte, Marília Aparecida da Silva, 51 anos, contou que por pouco não foi atingida. “Eu estava passando na rua e caiu quase que na minha frente. Um carro bateu no poste. O céu ficou todo alaranjado. Deu aquele estouro. Saí correndo”, relatou a brasileira, que mora na Filadélfia desde 2004.

Minutos depois da queda do avião, Robleito Andrade de Souza, 43, natural de Gonzaga (MG), falou por telefone e ainda estava nervoso: “Está pegando fogo no meio da avenida; pegou fogo para tudo quanto é lado e a aeronave quase caiu em cima da minha casa”. “Eu estava no computador quando ouvi o estrondo e saí para a rua”, disse. José Luiz Neto Filho, 38, mora em Nova Jersey e visitava o irmão Robleito na Filadélfia. “Eu estava saindo para fumar, quando vi a bola de fogo subindo. Imaginei que fosse um avião. A terra tremeu na hora. Corri até lá e fiz uns vídeos. Lá, vi o terror. Uma sensação muito ruim. Tem vários vídeos de corpos espalhados”, disse. Ao fundo, era possível ouvir sirenes.

Os Estados Unidos ainda estavam de luto pelo maior desastre aéreo dos últimos 24 anos, em Washington. O jornal *The New York Times* divulgou que a análise inicial das gravações de voo do avião e do helicóptero militar que colidiram e caíram, na noite

X/Reprodução



Bola de fogo após a queda do Learjet 55, na região nordeste da Filadélfia, em avenida movimentada

Guarda Costeira dos EUA/AFP



Botes da Guarda Costeira dos EUA diante de destroços do avião a jato no Rio Potomac, na capital norte-americana

Três perguntas para...

ELIZABETH MCCORMICK, ex-piloto do helicóptero militar Black Hawk no Exército dos EUA

Como a senhora vê a informação de que o helicóptero Black Hawk estava numa altitude maior do que a permitida e fora de rota?

O fato de essa colisão ter acontecido entre 350 e 400 pés acima do solo (106m a 121m) nos diz que o helicóptero ultrapassou o teto de voo de 200 pés (60m). O helicóptero estava voando alto demais, e isso é indiscutível. A razão para esse erro ter sido cometido — manutenção, configuração do altímetro, distração etc. — é desconhecida neste momento.

A tese de erro humano pode ter sido determinante?

O erro humano (do piloto do helicóptero) foi apenas um fator contribuinte, não o único fator ou culpa. Se o controle do tráfego aéreo (ATC) tivesse dito “Tráfego CRJ (avião da American Airlines)



Arquivo pessoal

às 11 horas ascendente” (hipoteticamente na posição do relógio), então o piloto do Black Hawk, que é muito manobrável, poderia ter imediatamente tirado o helicóptero do caminho. O ATC poderia ter dito “PAT50 (helicóptero), vire para tal direção imediatamente.

Os óculos de visão noturna, usados pelo piloto do Black Hawk, podem ter contribuído

com o desastre, por limitarem a visão periférica do piloto?

Sim. Voar com os óculos de visão noturna (NVG) é como olhar através de binóculos ou de dois rolos de papel higiênico. Os pilotos têm que mover fisicamente a cabeça para escanear seu campo de visão e olhar abaixo dos NVGs, a fim de ver seu instrumento. Isso poderia ter sido um fator contribuinte para não captar a mudança de altitude. (RC)

de quarta-feira, além de um relatório preliminar da Administração Federal de Aviação (FAA) e entrevistas com controladores de tráfego aéreo sugerem uma falha em múltiplas camadas do

aparato de segurança aérea dos EUA. O Black Hawk estava fora da rota aprovada e voava a uma altitude 100 pés (30m) acima da permitida. Além disso, o controlador de tráfego aéreo desempenhava

duas funções ao mesmo tempo, por volta das 21h de quarta-feira (23h em Brasília), o que o impediu de manter avião e helicóptero separados por uma distância considerada segura.

Ainda segundo o *The New York Times*, enquanto sobrevoava o Potomac, o helicóptero subiu de 200 pés para 300 pés e chegou a uma distância mais próxima do que deveria do aeroporto, além da altitude maior do que a permitida. Ele permaneceu em 300 pés até segundos antes da colisão, quando desceu para 200 pés. Também teria deixado de contornar a margem leste do rio para sobrevoar o leito.

Caixas-pretas

O desastre de quarta-feira deixou 67 mortos — todos os 64 ocupantes do avião Bombardier CRJ700 e os três tripulantes do Black Hawk. Até o fechamento desta edição, 41 corpos tinham sido resgatados das águas geladas do Rio Potomac; 28 deles foram identificados. Depois de culpar a política de diversidade implementada pelos governos democratas de Barack Obama e de Joe Biden, o presidente Donald Trump responsabilizou o piloto do helicóptero pelo desastre. “O helicóptero Blackhawk (sic) estava voando muito alto, muito alto. Estava muito acima do limite de 200 pés. Isso não é muito complicado de entender, é??”, questionou, em sua plataforma Truth Social, por volta das 9h30 (em Brasília). As duas caixas-pretas do avião foram recuperadas na

noite de quinta-feira — uma delas, o gravador de voz da cabine, sofreu intrusão de água. O gravador do Black Hawk também está com os investigadores.

Todd Inman, integrante do Conselho Nacional de Segurança do Transporte (NTSB) dos EUA, disse que um relatório preliminar deverá ser elaborado em 30 dias. No entanto, ele prevê que “a investigação geral provavelmente levará um ano”. Autoridades da FAA decidiram restringir drasticamente o acesso de helicópteros ao corredor aéreo projetado para mantê-los abaixo do tráfego dos aviões.

Para o pernambucano Flavio Antonio Coimbra Mendonça, ex-membro do Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos (Cenipa) e especialista em desastres aéreos pela Universidade Aeronáutica Embry-Riddle, em Prescott (Arizona), os possíveis fatos novos merecem atenção especial. “O Black Hawk estava em voo visual. O piloto precisa seguir a separação em relação a outras aeronaves. Se o helicóptero tivesse a possibilidade de conflito, no voo visual, o controlador do tráfego aéreo teria que alertar os pilotos do Black Hawk e do jato. Isso precisa ser investigado”, afirmou ao **Correio**. “No momento em que o avião fez a aproximação da pista 01 do aeroporto, fez uma curva à direita e depois uma guiada à esquerda, para pousar na outra pista, ele operava no visual e também tinha que manter a separação.”

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Deu Trump no primeiro round

Começou mais quente do que o esperado o novo mandato de Donald Trump, mais que tudo no que diz respeito às relações com a América Latina. Não surpreendeu a ninguém o início fulminante da caçada, detenção e deportação em massa de imigrantes em situação irregular, um contingente para o qual os países da região contribuem com números preponderantes. Mas as condições impostas aos repatriados, embarcados em aviões militares, muitos deles algemados e mesmo acorrentados, propiciaram embates entre Washington e os vizinhos de hemisfério.

As cenas captadas na chegada dos primeiros brasileiros a Manaus — escala imprevista no voo com destino a Belo Horizonte

— causaram repulsa generalizada (ou quase) e motivaram protesto formal do Itamaraty, que convocou para explicações o embaixada norte-americana.

Quem pisca?

O atrito foi mais intenso com a Colômbia de Gustavo Petro. O ex-guerrilheiro, primeiro esquerdista a presidir o país, dispensou a prudência escolhida pelo governo brasileiro e chegou a mandar de volta para os EUA o primeiro grupo de cidadãos deportados. Chegou a enviar um avião oficial para buscá-los e a anunciar que não aceitaria novos desembarques.

O confronto assumiu ares de duelo, à moda do Velho Oeste,

quando Trump acenou com a imposição imediata de sobretaxas aos produtos importados da Colômbia. Ouviu de volta a promessa de contramedida de igual valor. Tudo parecia caminhar para um desfecho clássico dos filmes western, quando Petro, por fim, recuou. Como se diz em ambientes menos formais, foi ele quem piscou.

Discreto, ma non troppo

No caso do Brasil, a opção foi por uma das virtudes cultivadas pela diplomacia — a discrição. Marcado o gesto de convocar o representante dos EUA em Brasília, ficou determinado publicamente que algemas e correntes terão de ser removidas antes do desembarque em solo brasileiro.

O presidente Lula, porém, aproveitou a ocasião para abordar também a polémica das sobretaxas comerciais. O novo titular da Casa Branca não perdeu tempo em mencionar o Brasil, logo nos primeiros dias, como alvo potencial de uma decisão do tipo. Em declaração pública, o colega brasileiro garantiu que, uma vez configurada uma sanção por parte de Washington, haverá recíproca.

Pesos e medidas

Como se tornou habitual desde o primeiro mandato, Trump reencena, nesses primeiros dias de retorno ao governo, uma característica notória do período 2017-2021. Fiel à trajetória de empresário ambicioso e agressivo, afeito ao jogo bruto do mercado imobiliário, repisou as ameaças que fez na campanha contra países que julga

prejudiciais à economia dos EUA, em especial à das regiões industriais decadentes.

Como represália pelo que classifica como leniência para com a imigração ilegal, confirmou para já a imposição de tarifas extras de 25% sobre produtos de México e do Canadá. Os tambores de guerra comercial rufaram também para os lados da China, mas não ficar em compasso de espera — por ora. Na queda de braço com a potência que rivaliza com os EUA pela primazia na economia global, pesos e medidas são outros.

Questão de Qi

Coincidência ou não, a exibição de prudência coincidiu com o choque causado pelo tombo aplicado na Bolsa às big techs, que consistem hoje na força de elite da economia norte-americana no tabuleiro estratégico da geopolítica

tecnológica. O próprio presidente puxou a orelha dos bilionários do setor, como Elon Musk e Mark Zuckerberg — ambos fechados com seu governo, como quase todos os demais.

Quando anunciou para o mercado um mecanismo de inteligência artificial comparável aos das líderes norte-americanas, porém a custo bastante inferior, a rival chinesa DeepSeek levou ao coração do mercado financeiro internacional o recado do presidente Xi Jinping. Assim como já faz em relação aos carros elétricos, o império milenar mostra os dentes e avisa que está de pé a meta de brigar cabeça a cabeça pela hegemonia já em meados do século.

O horizonte de Xi, que trata de inscrever o próprio nome na história da China, é 2049, quando estão previstas as comemorações pelo centenário do regime comunista instaurado por Mao Tsé-tung.